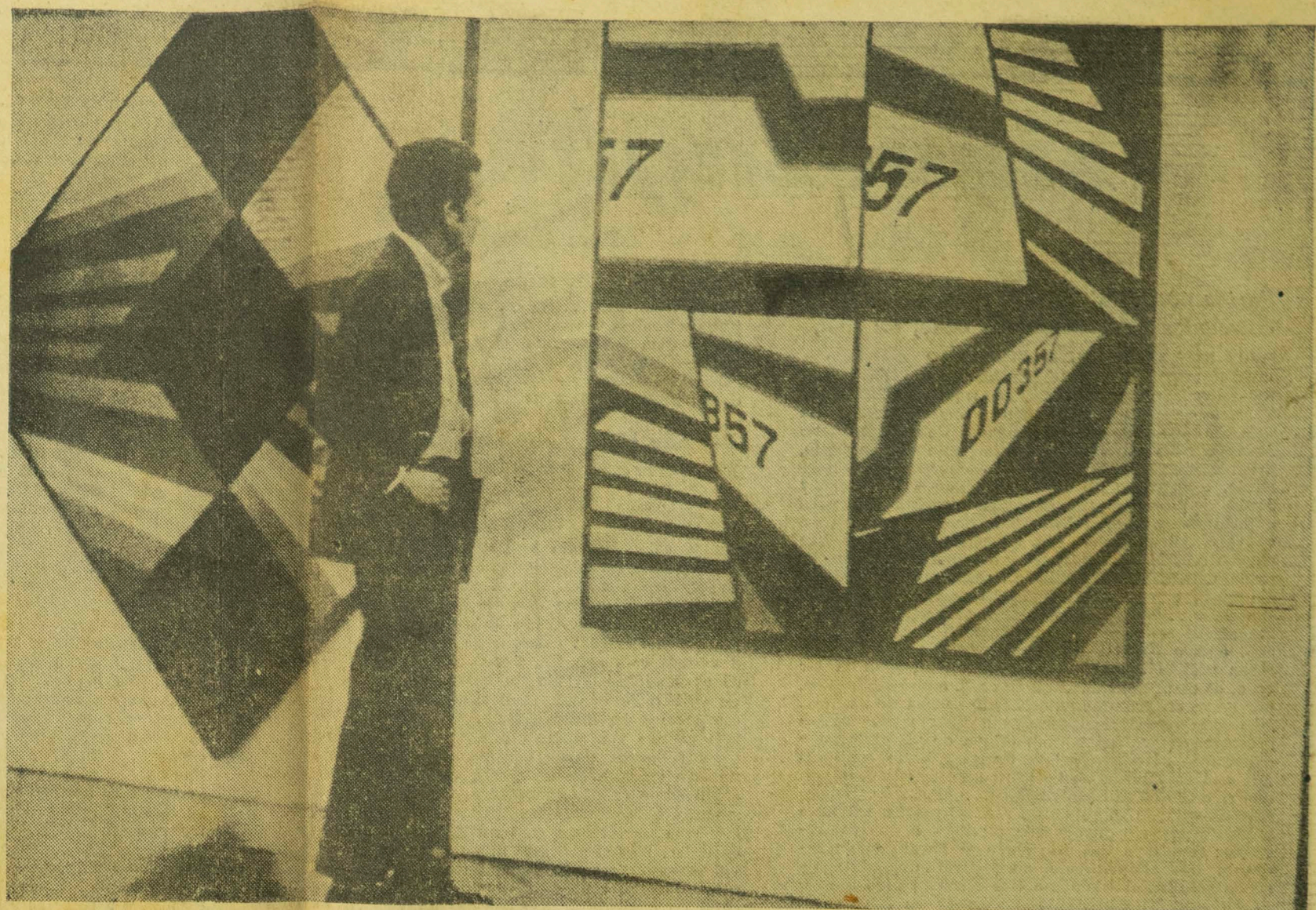


Salão dos Transportes (americanos) no Museu

Jayne Maurício



Pouco animadora a variedade das quatro exposições atuais do nosso Museu de Arte Moderna. O comentário sem demora emitido há de parecer algo estranho, se se tem em vista que uma das mostras é exatamente a de uma parte do acervo, e que o redator é conselheiro da casa. Mas devemos começar a crítica por onde temos — ou tivemos — uma parcela de responsabilidade. Lá estão, quase ao lado de uma "Garota de Ipanema" de Clauco Rodrigues, pequenos *gouaches* de Fernand Léger, um Max Ernest praticamente abstrato, apesar do título (*Le chant de grenouille*), um Pollock, um extraordinário Baziotis — *Jungle Form* — que havíamos esquecido e que se afigura quase gigantesco em suas pequenas dimensões e simplicidade de forma, uma *Composição 77* também de bom nível, de Beloso, e outros. Isso não chega a ser suficiente, porém, como uma seleção de acervo. Número reduzido e demasiadamente diversificado, mais valeria a concentração de atenção sobre uma tendência ou uma técnica.

Jamais pediria, entretanto, a concentração de atenção sobre um tema. Isto não caberia agora, de modo algum, nas imensas salas do Museu — fossem elas maiores ainda. O Museu já se encontra aturado com o tema do Salão dos Transportes, mostra promocional do Governo federal. Como incentivo à produção artística é louvável. Surgem as questões, entretanto, a respeito da localização da mostra num museu daquele porte, e da valde da insistência sobre o tema. Na maioria das vezes, o tratamento dado ao assunto central do salão foi literal demais, óbvio demais, artificial demais. Além disso, nunca tivemos um salão tão assustadoramente norte-americano. Tem-se, às vezes, a impressão de uma exposição de alunos de Robert Indiana, Rosenquist e D'Arcangelo. Bons mestres de uma civilização para maus alunos de uma civilização atrasada. O lado positivo da questão reside no cuidado de planejamento e até de execução que aqueles artistas provocaram na fecundável "inspiração" ou imaginação dos que lá expõem. Estamos falando em linguagem geral, referente à impressão média

que o Salão dos Transportes provoca — é claro. Existem exceções — tanto as de gente como Vera Mindlin Collares e outros que já trabalhavam em problemas relativos à problemática do transporte, quanto as de gente que ali expõe mas que não devia expor, porque não chegou a perceber a necessidade, tão bem ensinada por Indiana e D'Arcangelo, de planejamento, execução e sobretudo motivação.

Carlotamente americano este salão. Os ônibus tão polidos e esmerados de Raimundo Colares, que com justiça recebeu o primeiro prêmio, mostram formas verde-amarelo. Mas parecem muito mais ônibus da Greyhound que os da Cometa ou Pássaro Marron. O mesmo poderia ser dito das composições de Dinah Gomes, Eduardo de Castro Neiva e outros. Interessante é a posição de José Tarcísio, que coloca personagens de Raimundo de Oliveira, em ônibus de Antônio Dias traçando por estradas dos EUA. É curioso como a linha algo *hard-edge* de Raimundo tende a passar para tantas de nossas composições pop, principalmente aquelas onde pop e primitivismo encontram-se. Por sua vez Maria do Carmo Secco, segundo prêmio, não hesita em colocar as maiores pedras em seus caminhos, ou melhor, em suas super-estradas, no espírito também americanista de fazer ao mesmo tempo paisagens rurais e abstrações. Talvez exagere ou insista demais no tema, cometendo o mesmo pecado obrigatório desse salão, se sugiro que também o segundo prêmio de pintura, Ivald Granato, inspirou-se no americano Richard Lindér. É possível que isto seja só imaginação forçada pela enxurrada americanista do Salão. Não hesitaria, porém, em apontar Granato como um dos artistas positivos da mostra (Notese que a censura ao americanismo decorre precisamente da admiração que sinto pela *rustic* dos americanos em criar a sua própria escola, deixando de vez a imitação europeia).

Embora respeite os artistas e colegas do Juri, espanto-me a premiação do primitivo José Barbosa da Silva, primeiro em escultura. Barbosa, sabe-se, tem qualidades,

mas no Salão seus relevos pintados são primitivos no pior sentido. Suas *Nossas Senhoras da Aparecida* e seus *São Francisco* viajando de ônibus e litorina não mostram nem graça nem espontaneidade e a imaginação poética que já vimos em outros trabalhos. Triste equívoco, mesmo se se considera que a escultura foi o setor mais fraco do Salão. O segundo prêmio, Jean Boulé, nada de excepcional teria dito. Mesmo assim, uma escolha muito menos infeliz — é um dos raros artistas que comparecem ao Salão dos Transportes sem escarizar-se literalmente ao tema.

Disse que a escultura era o ponto mais fraco, mas hesito ao pensar na fotografia. Este meio de expressão, tão pouco apreciado em nossos arrajais artísticos, tem agora uma mostra desencorajante, em nível de porta de Ministério ou de propaganda administrativa ilustrada. Octales Gonzales, que levantou o prêmio maior no setor, não é um mau fotógrafo; mas no seu trabalho, ao invés de se destacar, sofre a influência adversa de suas vizinhas. Há também uma foto realmente boa de Antônio Carlos Oliveira, a barca Santa Rosa atracando. Mas em mar tão turvo e atmosfera sem clareza, é difícil ver-se a barca. Escondido e quase despercebido também está Guima, o pintor, que quase esquecíamos. Nada de americanismo com ele. Suas influências — seus peixes voadores e suas águas revoltas — vêm do norte da Europa, são expressionistas, embora busquem o efeito cômico. No contexto geral do Salão, Guima poderia ter recebido algum prêmio.

Esperemos que o Museu de Arte Moderna do Rio esteja tirando algum partido de tantas exposições promocionais para preencher as suas necessidades financeiras. Mesmo assim, poderia atenuar essa febre de arte a serviço de coisas que nada têm a ver com arte, com assuntos mais nobres. E desde logo assustamo-nos com um anunciado Salão da Bússola (salão da bússola no tempo do radar é fogo!), de uma simpática firma de propaganda comercial. Vai servir para concluir a obra ou mantê-la nestes dias amargos sem verbas?

SEGUNDO
2
CADERNO

16 DE AGOSTO DE 1969

Darius Milhaud no Rio

Eurico Nogueira França

Quando, há onze anos, entrevistei Darius Milhaud no seu apartamento de Paris, sua esposa me disse que o único motivo de ciúmes que o marido lhe inspirava eram as *Saudades do Brasil* — e com esse título o mestre compôs dois conhecidos cadernos para piano que datam de 1920-21, pouco depois do regresso à França, de volta do Rio. Já o encontrei então na cadeira de rodas, mas em plena força criadora, e alterando os períodos parisienses com o ensino da composição na Califórnia.

Quem foi um dos componentes do Grupo dos Seis e é hoje o maior compositor da França, tem a sensibilidade impregnada de impressões brasileiras. Recebeu mais tarde, também, a influência do jazz, porém a da nossa música popular foi bem maior. Constantemente, afloram, na sua obra, nossos motivos folclóricos. No Rio, para onde veio em 1917, secretário particular de Paul Claudel, que era Ministro da França no Brasil, compôs o *Ballet L'Homme et son Désir*, sobre o texto daquele poeta, em intenção de Nijinski, que então nos visitava, e onde estruge, violentamente, a atmosfera do Carnaval da época. Há, sob esse aspecto, uma dicotomia, entre o libreto de Claudel e a partitura. Diz Claudel: "Este pequeno drama plástico é saído da ambiência da floresta brasileira (Claudel se reporta às próprias matas que envolviam o Rio), onde estávamos de certa forma submersos... E o Homem começa a se animar no seu sonho. E o que se move e dança. E o que dança, é dança eterna da Nostalgia, do Desejo, do Exílio, aquela dos cativos e dos amantes abandonados." Nijinski estava no Rio, dançando no Municipal, com o *Ballet Russe de Diaghileff*, e Claudel sofrera-lhe o impacto, como todos que se aproximavam do maior bailarino de todos os tempos. Na Legação da França, que era na Rua Paissandu, em uma recepção, Nijinski,

sentado, para falar a um interlocutor atrás da cadeira, voltava apenas o pescoço, em um movimento prodigioso e inverosmil. Mas Nijinski não chegou a dançar *L'Homme et son Désir*, porque já estava à beira da loucura, em que definitivamente mergulhou.

Eu dizia, entretanto, que a música de Milhaud, para esse *ballet*, não lembra a floresta. É um painel dionísíaco formidável, calcado no Carnaval da época, que como um vento de loucura sacudia toda a cidade. Já de volta a Paris, em 1919, compõe Milhaud, sobre texto de Cocteau, o *Ballet Le Boeuf sur le Toit* (nosso tão brasileiro *O Boi no Telhado*).

É um grande artista com esses títulos de brasilidade, um dos maiores compositores universais, que aplica a politonalidade na criação de um estilo próprio, e é dos mais fecundos criadores musicais da atualidade, que nos nunca nos lembramos de homenagear no Brasil. Mas agora o diretor do Teatro Municipal, Vieira de Mello, que vai levar uma obra monumental de Milhaud, *Les Choéphores*, ainda este ano, está fazendo gestões em Paris, por intermédio do nosso adido cultural, José Montello, para que o compositor venha rever a terra que tanto amou.

Les Choéphores, que ouviremos pela Associação de Canto Coral e a Orquestra do Municipal, faz parte do tríptico *L'Orestie*, de Esquilo, na tradução de Claudel. É música em que existem superposições de acordes, procedendo por massas, e onde os instrumentos de percussão têm importância fundamental.

Na época em que viveu no Rio, fez Milhaud executar sua música pela orquestra então regida pelo maestro Braga. Suas reminiscências do Brasil se encontram no livro de Memórias — *Notés sans Musique*

— onde há trechos como este: "Costumava passear no centro da cidade, onde, fazendo contraste com a larga Avenida Rio Branco, as ruas, muito estreitas para as viaturas, eram frescas e ensombradas. Na mais característica, Rua do Ouvidor, as lojas de antiguidades, cheias de móveis da época imperial, vizinhavam com as casas de frutas exóticas, onde saboreava deliciosos refrescos de manga ou de coco." Ou este: "O Rio exercia um encanto poderoso. É difícil descrever essa baía tão bela, bordada de montanhas de formas inesperadas, cobertas de florestas como uma ligeira penugem, ou de rochas solitárias, não raro cavalgadas por linhas de palmeiras; plumas de avestruzes se destacando na luz dos trópicos sobre um céu velado de nuvens cor de pérola." E sobre a nossa música popular: "Os ritmos dessa música popular me intrigavam e me fascinavam. Havia na sincope uma suspensão imperceptível, uma respiração preguiçosa, uma ligeira parada que me era muito difícil apreender. Comprei então uma quantidade de maxixes e tangos (tango era um tipo de nossa composição dançante), e me esforcei para tocá-los com as sincozes que passam de uma mão a outra. Meus esforços foram recompensados e pude enfim exprimir e analisar esse pequeno nada tão tipicamente brasileiro. Um dos melhores compositores de música desse gênero, Nazareth, tocava piano de um cinema da Avenida Rio Branco. Seu toque fluido, inapreensível e triste, me ajudou igualmente a melhor conhecer a alma brasileira."

Les Choéphores estreiam a 17 de setembro no Municipal. O espetáculo será patrocinado pela obra benemérita *Leste 1* — O Sol, que estimula entre nós o artesanato.

